

ENTRE LÁ E CÁ: ERICO VERISSIMO, DA CRIAÇÃO À EDITORAÇÃO, DO BRASIL AOS ESTADOS UNIDOS¹

HENTZY, Victor Luiz da Silva²

RESUMO: Este texto visa, por meio de materiais coletados no Acervo Literário Erico Verissimo, atualmente sob cuidados do Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro, e por meio de referenciais bibliográficos pertinentes (Verissimo, 1947, 1961, 1972; Vieira, 2005; Hallewell, 2012; Arbex, 2002; Bordini, 2013; Smith, 2013; Minchillo, 2016 e Torresini, 2021, 2024), apresentar aspectos da atuação de Erico Verissimo no meio literário brasileiro entre 1930 e 1950, momento decisivo para a consolidação do meio editorial no país e no qual Verissimo teve atuação singular. Enfocam-se a pertinência de seu trabalho como editor da Globo e, em particular, seu papel na acentuação das traduções de literatura de língua inglesa. Para isso, discutem-se parte de sua biografia, a curva de consagração de sua obra, cartas trocadas entre os colegas da editora e entre outros escritores, suas atividades nos Estados Unidos e outros vínculos do autor com a cultura norte-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Erico Verissimo; escrita; tradução; edição.

ENTRE LÁ-BAS ET ICI : ERICO VERISSIMO, DE LA CRÉATION LITTÉRAIRE À L'ÉDITION, DU BRÉSIL AUX ÉTATS-UNIS

RÉSUMÉ : Ce texte cible, à travers des matériaux recueillis dans l'Acervo Literário Erico Verissimo, actuellement conservé par l'Instituto Moreira Salles à Rio de Janeiro, et à travers des références bibliographiques pertinentes, exposer des aspects de l'actuation d'Erico Verissimo dans le milieu littéraire brésilien de 1930 à 1950, moment important pour la consolidation du milieu éditorial dans le

¹ O texto é uma adaptação de parte do primeiro capítulo da dissertação de mestrado do autor, intitulada *Forma Imprecisa: oscilações na narrativa de O resto é silêncio, de Erico Verissimo*.

² Mestre em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ. Atualmente é doutorando pelo mesmo programa, pelo que recebe bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e é professor substituto de Literatura Brasileira no Departamento de Letras Vernáculas da mesma Universidade. A pesquisa que resultou neste texto foi financiada inicialmente pela Capes e, posteriormente, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). <https://orcid.org/0009-0006-0314-8221>. E-mail: victorhentzy@letras.ufrj.br ou hentzylsvictor@gmail.com.

pays et dans lequel Verissimo a eu un rôle singulier. On se concentre sur la pertinence de son travail comme éditeur à la Livraria do Globo et, en particulier, sur son rôle dans l'accentuation de la traduction de la littérature de langue anglaise. Pour cela, on discute une partie de sa biographie, la consécration de son œuvre, des lettres reçues et envoyées à des collègues de la maison d'édition et à d'autres écrivains, ses activités aux États-Unis et d'autres rapports de l'auteur avec la culture américaine.

MOTS-CLÉS : Erico Verissimo; écrite; traduction; édition.

A relação de Erico com a língua inglesa organiza seu expediente textual. O cuidado com o detalhe mais minucioso demandado pela atividade tradutora e as intervenções que fazia na obra de Edgard Wallace, um dos autores que mais traduziu no início de sua carreira, formaram sua escrita. Sua relação com o inglês é tão íntima ao seu processo produtivo que escrevia os roteiros de seus romances nessa língua. Algo da objetividade e da limpidez linguística do inglês contribuíram para o tipo de escrita que o gaúcho sempre valorizou, o que se afinava à sua preocupação de difusão. Inquietação que rendeu resultados particulares em um país de poucos leitores como o Brasil. Da venda tímida dos primeiros livros, Erico alcançou resultado de vendas estrondoso com *Olhai os lírios do campo*, de 1938. O autor, já conhecido por leitores de todo país ao menos desde *Música ao longe*, de 1935³, consagra e alavanca sua posição com esse romance sentimental, que lhe confere o caráter de um escritor de *best-sellers*. Foram 3.000 exemplares esgotados na primeira tiragem, e o lugar que seus livros seguintes ocuparam na lista de mais vendidos da editora⁴ indicam a permanência de seu *sellout*. Como escritor de altíssimas vendas, teve certo pioneirismo:

A noção de um escritor para as massas era, em 1942, recente no Brasil e pode-se dizer que Erico Verissimo foi justamente um dos primeiros escritores brasileiros não só a empregar com certa frequência o termo, mas a incorporar essa noção em um projeto literário. Procurou daí extrair um sentido positivo do ponto de vista estético e ético, praticamente

³ “Eu não lera *Clarissa*, mas li encantado *Música ao longe*, livro translúcido, de um autor que sabia narrar com simplicidade, numa linguagem aparentemente neutra, mas cheia de poesia e expressividade. Um verdadeiro contragolpe na retórica nacional. Logo em seguida, li *Caminhos cruzados* [...]” (CANDIDO, 2001, p. 12-13).

⁴ Há algumas delas no Acervo Literário Erico Verissimo, na seção “Escritores e livros” da *Revista do Globo*. Foram lidas as de 28/11/1942 (074164), 19/12/1941 (074165), 20/03/1943 (074166), 10/04/1943 (074167), 11/09/1943 (074169) e 14/07/1945 (074170). Daqui em diante as referências às cartas e outros materiais consultados no IMS-Rio, no acervo do autor, aparecerão sempre seguidos do número de seis algoritmos que identifica cada item no acervo. Exceto referência a uma carta consultada no acervo de Lygia Fagundes Telles, em que aparecerá, entre parênteses, “numeração do item, ALLFT, IMS-Rio”.

inaugurando no ambiente literário brasileiro, junto com Monteiro Lobato e Jorge Amado, a figura do escritor *best-seller*, que assume publicamente o desejo de se comunicar com grandes parcelas do público leitor e obtém pleno sucesso nessa empreitada (MINCHILLO, 2016, p. 35)⁵.

Erico parece ter sido um dos poucos autores brasileiros publicados em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, o que se deve, entre outras coisas, à sua própria preocupação de venda internacional⁶. Segundo Carlos Minchillo (2016), entre os autores de sua geração, apenas ele e Jorge Amado tiveram romances vertidos para o italiano, por exemplo.

Amado e Verissimo eram os únicos romancistas brasileiros do século XX - e os únicos então vivos - entre os cinco escritores brasileiros traduzidos para o idioma italiano. Comparativamente ao italiano, a gama de romancistas brasileiros traduzidos para o francês era um pouco mais ampla: cerca de catorze nomes até o final da década de 1940. No caso das traduções para o inglês, que nos interessam em particular, quando começa a década de 1940, apenas sete romances brasileiros estavam traduzidos. Desses, quatro haviam sido publicados no século XX (*Canaã*, de Graça Aranha; *A Marquesa de Santos*, de Paulo Setúbal; *Amar, Verbo Intransitivo*, de Mário de Andrade; e *Suor*, de Jorge Amado) (MINCHILLO, 2016, p. 29).

O tino comercial de Verissimo - oriundo de seu trabalho como editor -, sua produção ficcional e a relação com a literatura de língua inglesa têm uma intimidade maior, sobre a qual nos debruçaremos organizando alguns aspectos desses trânsitos.

Entre lá e cá

A história de Erico Verissimo nos anos 1920 é determinante para seus trabalhos posteriores, como escritor, tradutor e editor. Seu pai possuía terras, era dono de uma farmácia e faliu nessa década. A estabilidade de sua família e suas promessas de futuro são abaladas pelo rompimento

⁵ Pela afinidade do tema, o livro de Minchillo será muito retomado aqui. Vale dizer que enquanto este texto se concentra, inicialmente, na atuação editorial e tradutora de Erico em suas relações com os EUA para, em seguida, tratar da relação entre sua obra e público, Minchillo, interessado também nos vínculos do escritor com o país da América do Norte, concentra-se na internacionalização de sua obra e posterior esquecimento.

⁶ A quem interessar, ver, no IMS-Rio, cartas trocadas com Ted Purdy, Kaplan, Susan Prunk, M. S. Latham e Philips France, em que Erico intermedia e agencia interesses de publicação de suas obras nos EUA, particularmente de *Caminhos cruzados*, que saiu como *Crossroads*. Ver também Minchillo (2016).

entre a mãe e o pai, a partida deste para São Paulo e a derrocada financeira da família. Erico teve que abrir mão dos possíveis estudos no exterior, interromper o ensino médio e ingressar no trabalho em um armazém. Posteriormente trabalhou em um banco e em uma farmácia. Foi detrás do balcão do estabelecimento que leu autores que se tornaram de sua predileção e seriam significativos para seu próprio modo de fazer literatura, entre eles John dos Passos (mais especificamente seu *Manhattan Transfer*) e autores com que entrou em contato por influência do pai e entre os quais dividia o coração: Machado de Assis e Eça de Queirós. É nesse momento também que começa a esboçar seus primeiros contos e, também por trás do balcão, tem contato com Mafalda, que viria a se tornar sua esposa.

Sem condição financeira estável e noivo, Erico arrisca mudar-se para Porto Alegre em busca de emprego. Lá, passa a ir aos encontros da Globo, estabelecimento existente desde o fim do XIX, criado por Laudelino Pinheiro de Barcellos e que iniciara como papelaria, tornando-se posteriormente revista e comportando uma seção editorial. Nos encontros, Erico aproxima-se de uma figura que será central para sua estabilização financeira na capital, mesmo que com poucos recursos. Trata-se de Mansueto Bernardi⁷, italiano responsável pela *Revista do Globo* e pelo setor editorial de 1918 a 1930. Sua última atuação na empresa foi a contratação de Erico⁸. Em seguida, Bernardi ingressa no recente governo de Getúlio Vargas, uma das figuras ilustres entre os frequentadores dos encontros da livraria. Erico já tinha tido contato com o italiano anteriormente, no fim dos anos 1920, ao tentar publicar na revista seu conto “Ladrão de gado”. Com a saída de Bernardi, Henrique Bertaso⁹ assume o setor editorial e Erico passa a ser diretor da revista em 1931, substituindo Octávio Tavares. A 98ª ed., de número 21, de 22 de outubro de 1931, já traz seu nome como diretor (vide TORRESINI, 2024, p. 300).

A partir dos anos 1930, Erico passa a dividir suas horas entre o trabalho na *Revista do Globo*, traduções para a editora e sua própria escrita ficcional. Como conta no relato *Um certo*

⁷ (1888 - 1966). Mudou-se ainda recém-nascido para o Brasil, onde atuou em diversas atividades: como professor, em carreira administrativa e, antes de entrar na Globo, já era redator da revista *Kodak* e do jornal *Correio do Povo*. Na Globo, teve envolvimento na publicação de Erico Verissimo, Mario Quintana, Manoelito de Ornellas, Rui Cirne Lima, Augusto Meyer, Moisés Vellinho e outros. Teve também publicação própria, em poesia, com *Terra Convalescente*.

⁸ Além das cartas consultadas no Acervo Literário Erico Verissimo (ALEV, IMS-Rio), o que se apresenta sobre a constituição da editora e a inserção de Erico, bem como sobre sua viagem e relação com os EUA, é uma soma de informações, algumas sobrepostas, encontradas em Verissimo (1947; 1961; 1972), Vieira (2005), Hallewell (2012), Arbex (2002), Bordini (2013), Smith (2013), Minchillo (2016) e Torresini (2021; 2024).

⁹ (1906 - 1977). Filho de José Bertaso, ingressa na Livraria Globo ainda adolescente. Seguindo, assim, passos parecidos com os do pai, que ingressou na livraria de Laudelino Pinheiro de Barcellos aos 12 anos, foi caixeiro, chefe de loja, administrador das oficinas, gerente e sócio. Com o falecimento de Barcellos em 1918, José assumiu a chefia da empresa.

Henrique Bertaso (1972), passava o dia na revista e à noite traduzia das 20h à meia-noite, restando os fins de semanas para sua escrita. À época, pelas dificuldades envolvendo direitos autorais, Erico empregava alguns dribles para preencher as páginas da revista: fazia traduções com uso de pseudônimos (sendo o mais conhecido e recorrente Gilberto Miranda) e escrevia contos próprios cuja autoria atribuía a escritores de nome e nacionalidade inventadas. No que concerne à tradução, o carro-chefe da editora à época eram romances-policiais, presentes na chamada Coleção Amarela. Erico traduziu diversas obras de Edgar Wallace, então produtor de inúmeros *best-sellers* do gênero. Ainda no livro *Um certo Henrique Bertaso*, ele comenta a baixa qualidade das obras do ficcionista inglês, nas quais intervinha ao traduzir, tentando agregar-lhes um pouco de distinção estética.

A disposição de traduzir romances policiais, em geral *best-sellers*, nos sugere o tino comercial do setor editorial da Globo. Henrique Bertaso, então diretor do estabelecimento, buscava na *Publishers Weekly*, revista norte-americana voltada para editores, sugestões de livros estrangeiros que renderiam boas vendas. Em 1930, o tino comercial de Bertaso foi somado ao de Verissimo. A junção se dá quando Bertaso propõe a Erico que acumule as funções de diretor da revista com a de conselheiro editorial de produções estrangeiras, atividade que passa a realizar em 1936. Nesse ponto, há informações conflitantes em parte da bibliografia consultada. Em Verissimo (1972), indica-se a ocorrência no início dos anos 1930, mas Torresini (2024) afirma que o escritor assumiu o cargo de Conselheiro Editorial em 1936.

Segundo Laurence Hallewell, no capítulo dedicado à Globo no seu *O livro no Brasil*, a partir de sua atividade como consultor, Erico teria sido pioneiro como editor profissional. “Foi desse modo [tornando-se consultor editorial] que entrou, na indústria do livro no Brasil, a figura do editor profissional, que funcionava como editor da obra sem ser dono da editora” (HALLEWELL, 2012, p. 441). Além do tino comercial, Erico também manifestava, como já sugerido, preocupações estéticas e com a qualidade das traduções.

No que concerne à última, a editora apresentou, entre 1942 e 1947, uma experiência única no Brasil. Como se sabe, até 1940, a qualidade de traduções literárias no país era baixa. Nesses 5 anos particulares da década de 1940, a Globo formou, por iniciativa de Erico, uma sorte de comitê de tradução. Qualquer versão ao português devia ser realizada por algum tradutor com afinidades com a língua de origem da obra, depois passar pela mão de um especialista naquela língua e, por fim, pela de um crítico especializado no autor traduzido. Entre célebres tradutores na Globo, pode-se citar Mario Quintana, Cecília Meireles, Carlos

Drummond de Andrade, Herbert Caro, os irmãos Vallandro e o próprio Erico Verissimo, conhecido por sua tradução de *Point counter point*, de Aldous Huxley, e de *Bliss*, de Katherine Mansfield; dois autores de sua predileção.

O gosto de Erico pesava na escolha das obras, tendo a livraria publicado Huxley, Mansfield, John dos Passos e quase tudo de Somerset Maugham. Mas a escolha não se limitava a sua preferência como leitor. Erico não tinha, por exemplo, muitas afeições por obras que colocassem grandes desafios aos leitores. Por isso, não era de seu agrado o trabalho de William Faulkner, autor que, nem por isso, a editora deixou de traduzir.

John Galsworthy, Joseph Conrad, G. K. Chesterton, Somerset Maugham, Willa Cather, Edith Wharton, Katherine Mansfield, Sinclair Lewis, James Joyce, Aldous Huxley, Robert Graves, John Steinbeck, William Faulkner, Graham Greene, Charles Morgan, Liam O'Flaherty e Virgínia Woolf, ao lado de outros mais leves, muito lucrativos, como Vicki Baum (*Hotel Berlim*), Louis Bromfield (*As chuvas vieram, Noite em Bombaim*), Pearl Buck (*The good earth* apareceu em 1939 com o título *China, velha china*), Norman Douglas (*Vento Sul*), James Hilton (*Adeus Mr. Chips*), Richard Llewellyn (*Como era verde o meu vale*) (HALLEWELL, 2012, p. 441 - 442).

Esses foram alguns dos autores transladados para o português pela Globo sob direção de Erico Verissimo no conselho de publicações estrangeiras. A lista não dá conta de todas as publicações estrangeiras da editora, mas de uma boa parte delas. Note-se o número expressivo de traduções de literatura anglófona. Alguns desses autores, tão comuns atualmente no meio literário brasileiro, eram então desconhecidos dos leitores, pois até os anos 1930 e 1940, boa parte de nossas importações literárias restringia-se à literatura francesa. Nos anos 1930, havia traduções de língua inglesa concorrentes pela atuação de Monteiro Lobato, outro americanista que, pela Editora Nacional, traduziu autores como Herman Melville e Mark Twain. Mas a mudança se dá sistemática e significativamente com Erico à frente do conselho editorial da Globo, cujas escolhas tendiam a ser publicadas na coleção Nobel (criada em 1933, dedicada à publicação de literatura contemporânea; vide ARBEX, 2002). Significativo de sua importância é o texto de Osman Lins (1979) intitulado “Tributo à coleção Nobel”, em que testemunha a importância da coleção para toda uma geração, particularmente para escritores em formação.

A história que contamos até aqui vai ao encontro de momentos-chave da história mundial. Esse lugar de destaque que uma editora “provinciana” como a Globo passou a ocupar no país entre 1930 e 1940 só foi possível em razão da crise de 1929. Como se sabe, a crise levou

à substituição de importações, impulsionando a industrialização brasileira. Algo semelhante se deu em literatura. Como nos conta Hallegwell, o preço médio do livro francês antes era 3\$000 e, em 1935, custava 18\$000. “Pela primeira vez desde o início do século XIX, o livro brasileiro - vendido a mais ou menos 6\$000 para um romance normal - tornava-se competitivo em seu próprio mercado nacional” (2012, p. 440). Foi aproveitando esse contexto que a Globo pôde se manter de pé e difundir-se no país.

Há um outro dado histórico que nos ajuda a compreender o tema de que tratamos aqui. Em 1941, em meio à Política de Boa Vizinhança do governo Roosevelt, que dava seguimento às intenções de Hoover - aliás, o termo, “Boa Vizinhança”, é dele (vide TOTA, 2000) -, Erico é convidado a visitar os Estados Unidos, numa mesma leva de intelectuais brasileiros que incluiu Portinari¹⁰, Heitor Villa-Lobos, Francisco Mignone e Décio de Almeida Prado; resultado da “divisão de relações culturais” criada em 1938 no Departamento de Estado dos EUA para “fortalecer as conexões com as outras repúblicas da América” (MINCHILLO, 2016, p. 139). De fundo, havia também o desejo pessoal de se afastar do clima que se instalara no país em razão da inclinação fascista. A carta de convite a Erico, datada de 29 de novembro de 1940 e enviada por Daniel Braddock, do consulado americano, oferece-lhe estadia sem demandar contrapartidas, ao menos não explicitamente: “The plan of those travel grants is that the visitors should be grow every opportunity to observe freely the life and customs of the United States and at the same time make their knowledge and experience available to selected institutions¹¹” (069917). Não havia solicitação de contrapartida *explícita* pois o convidado já estava ciente de que viajaria a serviço do pan-americanismo, algo que à época o próprio Erico via com bons olhos, e sabia que devia dar algo em troca do subsídio. Sobre a liberdade de observações que Braddock informa no fim da carta, Carlos Minchillo comenta: “Claro está que se trata de um esclarecimento retórico. [...] Era preciso que a política de boa vizinhança, para se diferenciar

¹⁰ O caso de Portinari é um pouco diferente. Como explica Nastari (2022), havia um convite para a realização de afrescos para a Biblioteca do Congresso da Fundação Hispânica. Não tendo mais notícias do convite, Portinari entra em contato com Robert Smith, que o informa que aguardavam os estudos preliminares para uma avaliação prévia. Ansioso com a situação, Portinari combina com o governo de Vargas o financiamento de sua viagem, gerando descontentamento na diplomacia norte-americana, que, por fim, pagou a ele o mesmo valor oferecido pelo governo brasileiro. Diferentemente de Erico, que fora convidado pelo Departamento de Estado, Portinari foi pago pela *Office of Inter-American Affairs*, agência do governo Roosevelt que surge posteriormente ao Departamento de Estado, mas também responsável pela Política de Boa Vizinhança, e tendo à frente Nelson Rockefeller. Erico também teve relações com a agência que, pelo que consta em Minchillo (2016), mediou a tradução para o inglês de *Caminhos cruzados*.

¹¹ “O objetivo dessas viagens é que os visitantes tenham todas as oportunidades de observar livremente a vida e os costumes dos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, tornem seus conhecimentos e experiências disponíveis para instituições selecionadas”.

das práticas aliantes do nazifascismo, se afastasse o máximo possível da suspeita de propaganda” (2016, p. 141). Minchillo também chama atenção para os propósitos do Programa, de 1938 a 1943, de Cooperação Cultural Estadunidense, que seriam: conhecer os EUA e avanços no campo científico, divulgar informações de seu próprio país, e, após regresso, divulgar informações sobre o país visitado “de modo a difundir e consolidar uma imagem também adequada, isto é, positiva dos EUA entre os latino-americanos” (2016, p. 145).

Significativo dessa contraparte implícita é que, quando retorna ao Brasil, Erico publica meses depois *Gato preto em campo de neve* (1961 [1942]), um relato da viagem de 3 meses. Logo nas primeiras páginas, ele narra um breve diálogo com o oficial da imigração. Após responder que o governo americano pagara sua passagem, é indagado sobre o motivo. “Hesito um instante e, para encurtar a história, resumo-a em duas palavras: - Boa vizinhança” (1961, p. 21). E, em carta de janeiro de 1942 a Ted Purdy, editor da Macmillan, diz: “Gato Preto is near the third printing. I think it is doing good job on the good neighbor policy”¹² (068274). Em *Gato preto em campo de neve*, o autor conta, entre tantas coisas, os contatos travados com escritores como Carl Carmer, Hendrik W. van Loon, Robert Nathan, Isabel e Thornton Wilder, Aldous Huxley, Pearl Buck, Somerset Maugham e Thomas Mann. Conta também dos contatos com outros editores, como Doris Patee da Macmillan, casa editorial que depois viria a publicar a primeira tradução em inglês de seu romance *Caminhos cruzados*. Conheceu ainda diretores, como Orson Welles. Erico chegou a estabelecer relações com profissionais de grandes estúdios, como Walter Wanger, que trabalhava na Warner Bros e que havia acabado de se transferir para a Universal quando trocou cartas com o escritor brasileiro, em 1941. Em carta de Raimundo Junior Magalhães, coordenador da *Inter-American Affairs*, a Erico (069214, carta de 18/07/1942), ele comenta da consideração que Wanger tinha pelo escritor brasileiro e que pretendia contatá-lo para “escrever cenários de assuntos brasileiros”.

Em carta de março de 1941 - ou seja, dos EUA - a João Raymundo, conhecido como tio João (067940), Erico conta de dois contratos que fizera de livros sobre o Brasil para crianças norte-americanas. O que demonstra que ele não viajou meramente a serviço dos interesses norte-americanos, aproveitou a viagem para construir estratégias comerciais e, algo de que fala com frequência no relato de viagem, difundir informações sobre a cultura brasileira. No que concerne ao trânsito inverso, ou seja, de importações de literaturas de língua inglesa, Erico

¹² “Gato Preto está próximo da terceira tiragem. Eu acho que está fazendo um bom trabalho na política de boa vizinhança”.

manda uma carta a Henrique Bertaso, Maurício Rosenblatt¹³, Justino Martins¹⁴ e José Bertaso (068099) em que comenta livros com que teve contato nos EUA e que poderiam ser boas oportunidades de tradução. Os termos usados evidenciam aquela preocupação comercial aliada a preocupações estéticas que sublinhamos: Sobre *The rainbow*, de Wanda Wasilewska¹⁵, diz ter “intenções de propaganda” e “muito melodrama”. Sobre *A bell for Adano*, de John Hersey, diz que pode figurar na lista de “bests”. Não valeria a pena comprá-lo, no entanto, porque já tinham muitos livros a serem publicados, o melhor seria aguardar um “grande best”. Na carta, ainda diz que, precisando de dinheiro nos EUA, pretende traduzir *The Razors Edge*, novo livro de Somerset Maugham.

Essa última carta, de 1944, é de sua segunda ida aos EUA, quando lá ficou por dois anos. Erico ainda teria uma terceira estada no país, a mais longa, no início dos anos 1950, quando foi diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, substituindo Alceu Amoroso Lima no cargo. Suas atividades nos Estados Unidos, sua consolidação como escritor e os bons resultados de sua atuação como conselheiro editorial fizeram com que, entre o fim dos anos 1930 e início de 1940, seu papel na editora se concentrasse apenas nisso; ao menos retoricamente. Como diz em carta a Oswald de Andrade de agosto de 1942 (068580):

De 1938 para cá minhas relações com a livraria são quasi [sic] exclusivamente as de editores e editado. Tenho ainda um escritório no ‘estabelecimento’, onde sou encontrado diariamente. E só tenho a ver diretamente com a escolha de obras estrangeiras. Fora disso, entrego-me a meus próprios livros.

A troca de cartas com escritores brasileiros, porém, sugere o contrário. Na própria carta a Oswald, tenta resolver um desentendimento entre o escritor paulista e a editora na publicação de *Marco zero*. Em cartas com Lygia Fagundes Telles (em especial 014922, ALLFT, IMS-Rio), comunica assuntos de publicações da contista na *Revista*. Erico fora também o primeiro leitor de *A quadragésima porta*, de José Geraldo Vieira (069635), que diz, em carta de dezembro de 42: “nem minha senhora conheceu linha sequer”. E graças a ele o livro é publicado. Ainda nesses anos, há uma carta de Marques Rebelo (069468) agradecendo a publicação de *Stela me abriu a porta*, “livro ruinzinho” nas palavras de seu autor. Erico também recebia solicitações

¹³ (1906 - 1988). De 1942 a 1953, foi diretor da sucursal no Rio de Janeiro.

¹⁴ (1917 - 1983). Foi diretor da Revista do Globo entre 1939 e 1947.

¹⁵ Há o filme de 1944 baseado no romance, *Tęcza*, de 1942.

de ajuda financeira de escritores, como numa carta em que Rubem Braga (069901) sugere que compre os direitos dos livros de Jorge Amado, que estava exilado na Argentina, para que Matilde, então esposa de Jorge, recebesse o dinheiro. Além desses exemplos, são inúmeros os pedidos de compra de direitos de tradução, de atividades como tradutor e de outros trabalhos. Ainda naquela carta a Oswald, Erico diz: “para a maioria dos escritores a casa sou eu”. Como vimos, não é, no entanto, o que ele mesmo tendia a afirmar. A afirmação constante de que passara a se dedicar apenas a livros estrangeiros, levando em conta seus contatos com autores nacionais, talvez se tratasse de uma tentativa de se resguardar e evitar acúmulo de trabalho. Por outro lado, levando em conta sua dedicação ao setor de literatura estrangeira, talvez se tratasse de uma certa modéstia, em que apenas o trabalho que realizava com afinco configuraria sua posição na editora. Exemplar dessa dedicação é uma carta que manda, em novembro de 1941, diretamente a Aldous Huxley (068260), solicitando os direitos de *Grey Eminence*. Em carta de janeiro de 1942 a Paulo Moreira da Silva (068415), que lhe havia pedido trabalho de tradução, Erico comenta a dificuldade em localizar o agente literário de Huxley, o que teria motivado o envio da carta diretamente ao escritor inglês. A suposta exclusividade à literatura estrangeira era algo aliás afirmado também por seus colegas de editora. Em uma matéria do jornal *Diretrizes*, de janeiro de 1942, intitulado “Erico Verissimo não é funcionário público” (073495), o jovem funcionário da Globo Antônio Barata fala do lugar de Erico no estabelecimento nos seguintes termos: “a função de Erico na editora é escolher livros estrangeiros para traduzir. De resto, só atrapalha”.

Essa escolha dos livros estrangeiros para traduzir, como vimos, passava pelo gosto pessoal do editor e por uma escolha comercial motivada pela posição que os Estados Unidos começavam a ocupar em âmbito político e econômico. Posição que viria a se consolidar após a Segunda Guerra. A bem da verdade, o gosto pessoal do editor também era motivado pela política estadunidense. Como ele já afirmara em relatos e entrevistas, sua relação com a língua e produções culturais diversas estadunidenses tiveram origem com os filmes de Hollywood. Algo que iria marcar todo seu trabalho como editor, tradutor, escritor e também atuações burocráticas. Aliás, em 1938, Erico ajudou a fundar o Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano de Porto Alegre, do qual chegou a ser diretor.

Portanto, Erico teve posição de destaque na Globo, experiência que possibilitou não só seu estabelecimento na capital gaúcha como sua vida de escritor, tendo seu contato mais íntimo com a língua inglesa, propiciada pela atividade como tradutor e como conselheiro editorial,

moldado algo de sua própria produção ficcional. Esse vínculo apresenta um espriamento mais amplo, que atinge também sua participação em institutos, idas aos EUA para dirigir departamentos, conhecer sua cultura e, entre os americanos, lecionar e discursar sobre nossa cultura e divulgar as impressões daquele país entre os brasileiros. Nesse trânsito, pôde também negociar a tradução de sua própria obra e elencar possíveis novas traduções na editora. Além disso, as atividades de Erico na Globo ultrapassavam a retórica de dedicação exclusiva às publicações estrangeiras, tendo trocado cartas com diversos autores nacionais e potenciais tradutores que o procuravam como se fosse, em suas palavras, a própria casa editorial (“para a maioria dos escritores a casa sou eu”).

Em suma, os anos 1930-1940 marcam um ponto de inflexão na cultura brasileira. Além do surgimento de casas editoriais proeminentes e consolidação desse meio, nossas influências começam a se deslocar das produções francesas para as de língua inglesa, ressaltadamente as estadunidenses. Alguns aspectos, como vimos, concernem ao papel que Erico Verissimo teve nessa mudança, em que pesavam seus gostos e posição política, tendo em vista sua disposição americanista e afeição à época pelo pan-americanismo, mesmo que com ressalvas que se acentuariam posteriormente¹⁶. Hallewell (2012) sugere que, além das preferências de Verissimo, a mudança poderia se dever às consultas ao *Publishers Weekly* de Bertaso, ao fato de se tratar de uma novidade ao público leitor e pelo prestígio que literaturas de língua inglesa já tinham no cenário editorial norte-americano. A mudança parece, sobretudo, resultado de toda uma política cultural empregada por um país que se consolidava enquanto centro hegemônico.

REFERÊNCIAS

ARBEX, P. G. *Erico Verissimo, tradutor*. 2002. 150f. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, USP. Disponível em: teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13012023-155700/en.php. Acesso em 14 de maio de 2024.

BORDINI, M. G. “A identidade do viajante: Erico Verissimo nos Estados Unidos”. *Antares: Letras e Humanidades*, v. 5, n. 10, p. 76 - 91, jul. - dez. 2013.

¹⁶ Em *Gato preto*, com desconfiança, fala do lado ridículo do pan-americanismo: “Os Estados Unidos nos ignoraram durante centenas de anos. Viram em nós apenas ‘fregueses’. E de repente, toca [sic] a fazer boa vizinhança como tão bem se expressou Hendrik Van Loon” (Verissimo, 1947, p. 180). E, anos depois, em 1975, em carta a Daniel Fresnot, diz: “Agora eu acredito no imperialismo americano, que antes me parecia um pouco invenção de propaganda comunista” (apud Minchillo, 2016, pp. 214-215).

- CANDIDO, A. “Entrevista com Antonio Candido”. In. PESAVENTO, S. J.; LEENHARDT, J.; CHIAPPINI, L. M. L; ÁGUIAR, F. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- LINS, O. “Tributo à coleção Nobel”. In. LINS, O. *Evangelho na taba*. São Paulo: Summus, 1979.
- MINCHILLO, C. C. *Erico Verissimo, escritor do mundo*. São Paulo: Edusp, 2015.
- NASTARI, D. M. “Nacionalismo de exportação: Portinari, identidade brasileira e os Estados Unidos (1935-1942)”, *ARS*, São Paulo, n. 46, ano 20, p. 122-191, set.-dez. 2022.
- SMITH, R. C. “Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos”. *Revista tempo*, v. 19, n. 34, p. 147 - 173, 2013.
- TORRESINI, E. R. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos de 1930 e 1940*. 2ª ed. São Paulo: Edusp; Com-Arte, 2021.
- TORRESINI, E. R. “Trajetória da Livraria e Editora Globo”. In. FISCHER, L. A (org.) *História da literatura no Rio Grande do Sul: a era Erico. anos 1930 a 1950*. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024.
- TOTA, A. P. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VERISSIMO, E. *Gato Preto em Campo de Neve*. Nova York: Henry Holt and Company, 1947.
- VERISSIMO, E. *Gato Preto em Campo de Neve*. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1961.
- VERISSIMO, E. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1972.
- VIEIRA, N. H. “Um caçador de almas no país dos ianques: Erico Verissimo e a América Caleidoscópica”. In. BORDINI, M. G. (org.) *Caderno de pauta simples: Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.